

Memória e itinerário afro-indígena no cinema do Umbandaum

Priscila Santos da Glória
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: pgloria@uneb.br

Edson Silva de Farias
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: nilosed@gmail.com

1679

Palavras-chave: Cinema. Umbandaum. Memória. Itinerário Afro-indígena

INTRODUÇÃO

Preocupados com os símbolos produzidos por uma memória cultural sobre a fundação da cidade de Teixeira de Freitas no extremo sul da Bahia encontramos em primeiro plano uma memória fixada pelos eventos fundadores da cidade que estão relacionados aos símbolos da modernidade: a construção da BR 101, a chegada das madeiras, agropecuária e eucaliptocultura.

Mapeando os lugares de memórias nesta disputa pelos significados do passado nos deparamos, em segundo plano, com o cinema do Grupo Afroíndigena Cultural Umbandaum da cidade de Caravelas, que com suas “imagens dialéticas” (Didi-Huberman, 2010) desestabilizam as narrativas públicas que estruturam o poder na região. A presente comunicação está interessada em entender como o audiovisual do Umbandaum mobiliza novos sentidos do passado com um conjunto de signos afro indígenas que causam rachaduras na memória cultural que está ancorada na modernidade, mas também na colonialidade. Enquanto o grupo apresenta seu território com intimidade e sensibilidade demonstrando como são afetados pelas disputas territoriais, ele nos afeta com seu audiovisual.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

Através de um inventário visual e sonoro dos filmes *Lia* e *Não mangue de mim* apoiados no conceito de “geografia afetiva” de Irene Chauvin (2019) buscamos paisagens vivas e mapas sensíveis do extremo sul da Bahia que problematizam a memória cultural difundida sobre a região que é reconhecida como a “costa do descobrimento”. Entendemos também que a narrativa do Umbandaum busca agenciar símbolos afro-indígenas mobilizando novos sentidos do passado com suas imagens, elaborando um cinema engajado com sua própria história e identidade, o quê pode ser lido como um cinema etnográfico (Bamba, 2011).

1680

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo Afroindígena Cultural Umbandaum foi formado por caravelenses no ensejo das comemorações do centenário da abolição. Quando Jacó e Jó Galdino, irmãos e artistas questionadores da realidade social de Caravelas se uniram ao amigo Itamar dos Anjos Silva também artista, juntos já atuavam em intervenções teatrais pelas ruas da cidade, e decidiram que a festa em comemoração a abolição precisava de uma intervenção, então carregaram uma faixa “100 anos da falsa abolição” (Pereira, 2023, p.13). O coletivo se reconhece como afro-indígena e vem buscando reminiscências da cultura originária indígena e negra diaspórica para desenvolver suas atividades.

Entre tantas das muitas atividades realizadas pelo Umbandaum nesses 36 anos de existência uma nos chamou a atenção: o cine clubismo! Apontado como Cine Clube Caravelas, tratava-se de atividades de exibição de filmes, também com caráter reflexivo e educativo. Foi à atividade do cine clubismo que direcionou o grupo à produção de vídeos. Melo (2022, p. 26), refletindo sobre os circuitos culturais e espaços formativos dos cines clubes da Bahia, nos informa que o cinema propicia espaços de reflexão, formação e transformação do mundo. Assim, o Cine Clube Caravelas ampliou suas atividades para além da exibição de filmes e passou a produzir vídeos que chegaram aos circuitos nacionais como *Lia* e *Não mangue de mim* (Silva, 2019).

Realização:



Apoio:



*Lia*¹ conta a história de uma menina que sai da zona rural de Caravelas, mais especificamente do mangue para a cidade. Com um livro nas mãos, ela procura possíveis leitores, sem sucesso, sendo sempre interrompida pelas intercorrências da cidade, até encontrar uma senhora para lhe escutar com atenção. O texto lido por Lia é a poesia *No caminho com Maiakóvsk* (1968), de Eduardo Alves da Costa. O filme começa com o pai de Lia trabalhando no mangue quando o mesmo chama Lia para ir à cidade, a menina corre para encontrar entre suas bonecas o livro que carregou consigo, na próxima cena Lia e seu pai chega à cidade de barco. Assim, a produção apresenta os contornos e oposições entre o mangue e a cidade, durante a caminhada de Lia que vai compondo um relato de viagem.

A história de Lia se cruza com a produção *Não mangue de mim*² de 2008 em ambos os filmes o mangue é o elemento central de uma operação cartográfica. Assim, o cinema pode ser visto como uma “arte espacial capaz de articular cartografias sensíveis, cognitivas, metafóricas e afetivas” (Chauvin, 2019, p. 169). Os dois vídeos são obras ficcionais, e a ficção pode ser entendida como uma história de viagem, como uma prática espacial, como reflete Chauvin (2019) interpretando a teoria de Michel de Certeau (2009) sobre o espaço como um “lugar praticado”.

O segundo filme do Umbandaum começa com uma pergunta de uma criança: “Vovó, como foi feito o mangue?” Como resposta, a avó apresenta a relação dos orixás (Oxum, Yemanjá e Nanã) com as águas, o rio, o mar e o mangue. Nesta cena percebemos como o Umbandaum constrói um mapa sensível do extremo sul, vinculando o presente a um passado ancestral intangível, mas que é visto, ouvido e sentido no vídeo.

Na história de *Não mangue de mim*, aparecem homens da cidade que tentam comprar as terras dos pescadores e marisqueiras, que se recusam a vender e permanecem na lida com as águas, de onde tiram seu sustento. Como em *Lia*, a cidade contrasta com a vida das comunidades ribeirinhas do extremo sul da Bahia. A configuração da paisagem funciona, então, como uma crítica a concentração fundiária que foi modificando o extremo sul da Bahia no século XX e a especulação imobiliária que vem reconfigurando os espaços litorâneos na atualidade.

¹ Disponível na internet: (12) LIA - YouTube, acessado em 23 jan. 2024.

² Disponível na internet: (12) NÃO MANGUE DE MIM - YouTube. Acessado em 23 jan. 2024.

Realização:



Apoio:



Bamba (2011, p. 64) ressalta o compromisso pessoal de cineastas negros brasileiros na realização de um cinema afrodescendente que atrela narrativa, poesia e uma “consciência política e étnica afirmada”, apresentando um “cinema etnográfico” (Bamba, 2011, p. 65). Alguns, como cita o autor, descrevem realidades bem próximas de suas vivências, cruzando “dados biográficos e autobiográficos”.

A narrativa fílmica do Umbandaum configura um novo mapa do extremo sul da Bahia, um “mapa sensível”, como conceitua Chauvin (2019). O grupo consegue desestabilizar mapas e territórios configurados pela colonialidade nos séculos de colonização, e pela modernidade do século XX, reconstruindo através da ficção “espaços e itinerários de uma geografia afetiva” (Chauvin, 2019).

1682

CONCLUSÕES

O cinema do Umbandaum mobiliza novos sentidos ao passado do extremo sul da Bahia quando em sua narrativa fílmica questiona a concentração fundiária e especulação imobiliária que afeta os pescadores e suas famílias, e muitas vezes os mobilizam a se mudarem para a cidade na busca por sobrevivência. À medida que essa trama vai sendo composta na tela o coletivo reconfigura os espaços, construindo mapas sensíveis e afetivos de Caravelas e seu entorno. As imagens são carregadas da história e herança indígena/africana que mobilizam o fazer cinema do Umbandaum, ao mesmo passo que também somos atravessados pelos itinerários visuais e sonoros ao assistirmos os filmes. Dessa forma podemos afirmar que o cinema do Umbandaum é uma linguagem em formato de viagem (Chauvin, 2019, p. 143), ao percorrermos o território caravelense também realizamos uma viagem e temos uma perspectiva afro-indígena da memória cultural do extremo sul da Bahia, que é comumente retratada como “costa do descobrimento”.

REFERÊNCIAS

BAMBA, Mahomed. O campo discursivo dos mini-documentários sobre a condição diaspórica no cinema brasileiro. In: **A Cor das Letras**. Número temático: Literatura, cultura e memória negra. UEFS, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. V.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Realização:



Apoio:



CHAUVIN, Irene Depetris. **Geografias afectivas**. Desplazamientos, prácticas espaciales y formas de estar juntos em el cine de Argentina, Chile y Brasil (2002-2017). Pittsburg, Estados Unidos: Latin America Reserach Commons, 2019.

DIDI- HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIA. Direção: Cine Clube Caravelas. 2012. 09 min. 50 seg. Disponível na internet em: (12) LIA - YouTube, acessado em 23 jan. 2024.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. **Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e ambiência na Bahia (1969-19878)**. Salvador: EDUNEB, 2022.

NÃO Manguê de mim. Jacó Galdino. Brasil. 2012. 19 min. 14 seg. Disponível na internet: (12) NÃO MANGUE DE MIM - YouTube. Acessado em 23 jan. 2024.

PEREIRA, Jéssica Silva. Os blocos afro baianos e o surgimento do grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum: fluxos, subjetividades e conexões. In: Anais do **32º Simpósio Nacional de História** – ANPUH Nacional. Jul. 2023, São Luís, MA.

SILVA, Itamar dos Anjos. **Relações étnico-raciais, linguagens e culturas: Estudo das práticas socioeducativas do Umbandaum na construção de identidades étnico-culturais em Caravelas - BA (1988-2019)**. Memorial Descritivo (Mestrado em Ensino e Relações Étnico Raciais) Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia. Teixeira de Freitas, 2019.

1683

Realização:



Apoio:

